ALTAS HABILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS, COMPORTAMENTOS E CORRESPONSABILIDADE EDUCATIVA - UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A INFÂNCIA POTENCIALIZADA

SARAH NARANJO VIANA

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Ibirapuera (2007); especialista em Atendimento Educação especializado pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (2022); Professora de Atendimento Educacional Especializado na EMEI Vila Natal.



RESUMO

Falar sobre Altas Habilidades na Educação Infantil ainda é, em muitos contextos, falar de algo pouco visível. Não porque essas crianças não estejam presentes, mas porque suas manifestações nem sempre são reconhecidas no cotidiano escolar. Este artigo analisa, à luz da literatura científica, o perfil comportamental de crianças com Altas Habilidades na Educação Infantil, articulando essa discussão ao papel da escola e da família no desenvolvimento integral desses sujeitos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em produções que discutem diferentes concepções de inteligência, especialmente a teoria das Múltiplas Inteligências e o Modelo dos Três Anéis. Os estudos indicam que essas crianças podem apresentar tanto repertórios socioemocionais ampliados quanto dificuldades de adaptação em determinados contextos. Isso exige um olhar atento, capaz de ir além das aparências e considerar a criança em sua totalidade. Conclui-se que a articulação entre família e escola, aliada a práticas pedagógicas mais intencionais e menos padronizadas, é decisiva para que o potencial dessas crianças seja reconhecido e desenvolvido de forma consistente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil, Altas Habilidades, Perfil comportamental, Família e escola.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é, muitas vezes, o primeiro espaço coletivo de aprendizagem que a criança frequenta. É ali que ela experimenta vínculos, constrói sentidos e começa a se perceber como parte de um grupo.

Nesse cenário, algumas crianças chamam atenção — umas pela fala, outras pela curiosidade insistente, outras ainda pelo modo como se envolvem profundamente em determinados temas. Nem sempre, porém, essas manifestações são compreendidas como indicativas de Altas Habilidades.

Historicamente, a inteligência foi associada a desempenho acadêmico e resultados mensuráveis. Essa leitura, embora ainda presente, já não dá conta de explicar a complexidade do desenvolvimento infantil. Com as contribuições de autores como Gardner e Renzulli, esse conceito se ampliou — e, com ele, ampliaram-se também os desafios.

Isso porque reconhecer diferentes formas de inteligência implica rever práticas. E isso nem sempre é simples no cotidiano escolar.

Além disso, há um ponto que merece atenção: a criança com Altas Habilidades não é apenas “a que aprende mais rápido”. Ela é, antes de tudo, uma criança — com interesses, emoções, inseguranças e modos próprios de se relacionar com o mundo.

Ignorar essa dimensão pode levar a leituras equivocadas. Em alguns casos, o potencial elevado convive com dificuldades sociais; em outros, há uma intensidade emocional que nem sempre encontra espaço de acolhimento.

Diante disso, este artigo busca discutir as Altas Habilidades na Educação Infantil de forma mais ampla, considerando não só o desempenho, mas também o comportamento, as relações e o papel compartilhado entre escola e família nesse processo.

Nesse sentido, refletir sobre as Altas Habilidades na Educação Infantil não se resume à identificação de um grupo específico de crianças, mas envolve um movimento mais amplo: o de repensar como a escola enxerga o desenvolvimento, o aprender e as diferentes formas de participação. Ao tensionar práticas já naturalizadas, abre-se espaço para construir contextos mais sensíveis às singularidades, onde o potencial não precise se adaptar ao molde, mas possa, pouco a pouco, encontrar condições reais para se manifestar.

CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS DE ALTAS HABILIDADES

Ao longo do tempo, a ideia de inteligência foi sendo revista — e isso impacta diretamente a forma como se compreendem as Altas Habilidades.

Hoje, já não parece suficiente falar em uma inteligência única, medida por testes ou expressa exclusivamente em linguagem e matemática. Há outras formas de ser capaz. Outras formas de pensar. Outras formas de aprender.

A teoria das Múltiplas Inteligências ajuda a deslocar esse olhar. Ao reconhecer diferentes domínios — como o musical, o corporal, o interpessoal —, ela amplia as possibilidades de identificação.

Mas esse avanço traz consigo um desafio: quanto mais se amplia o conceito, mais difícil se torna reconhecê-lo na prática.

Nem todas as crianças com Altas Habilidades vão se destacar da mesma forma. Algumas, inclusive, passam despercebidas — especialmente quando seu potencial não se alinha às expectativas escolares mais tradicionais.

É nesse ponto que entra a importância do olhar pedagógico. Um olhar que não busca apenas evidências claras, mas que se sustenta na observação contínua.

DESAFIOS NA IDENTIFICAÇÃO PRECOCE

Identificar Altas Habilidades na Educação Infantil não é um processo simples. E talvez nem deva ser.

As crianças estão em desenvolvimento, experimentando, testando possibilidades. Nem tudo o que aparece se mantém — e nem tudo o que se mantém aparece de imediato.

Além disso, há comportamentos que confundem. Crianças que questionam muito podem ser vistas como desafiadoras. Crianças que se entediam rapidamente podem ser interpretadas como desinteressadas.

E, nesse movimento, o potencial vai ficando encoberto.

Outro fator importante é a ausência de instrumentos mais sistematizados para essa faixa etária. Em muitos casos, a identificação depende quase exclusivamente da percepção do professor.

Isso não invalida o olhar docente — pelo contrário. Mas exige formação, repertório e espaço para reflexão.

Identificar, aqui, não é rotular. É reconhecer possibilidades.

PERFIL COMPORTAMENTAL E ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS

Talvez um dos maiores equívocos quando se fala em Altas Habilidades seja a ideia de que essas crianças “dão conta de tudo”.

Na prática, o que se observa é bem diferente.

Muitas apresentam intensidade — pensam muito, sentem muito, questionam muito. Essa intensidade pode aparecer de formas diversas: entusiasmo, frustração, inquietação, perfeccionismo.

Em alguns contextos, elas assumem posições de liderança. Em outros, se retraem.

Não existe um padrão único.

E é exatamente isso que torna a compreensão do perfil comportamental um trabalho delicado.

Quando o ambiente não reconhece essas características, podem surgir sentimentos de inadequação. A criança percebe que não se encaixa totalmente — mas também não sabe exatamente por quê.

Por outro lado, quando há acolhimento e desafio na medida certa, essas mesmas características se transformam em potência.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CONTEXTO ESCOLAR

Pensar em práticas pedagógicas para crianças com Altas Habilidades não significa, necessariamente, “fazer mais”.

Muitas vezes, significa fazer diferente.

Propostas repetitivas ou pouco desafiadoras tendem a gerar desinteresse. Não porque a criança não queira aprender, mas porque aquele formato já não é suficiente.

Nesse sentido, estratégias de enriquecimento curricular, projetos investigativos e abertura para exploração de interesses são caminhos possíveis.

Mas nada disso acontece de forma automática. Exige planejamento, escuta e, principalmente, flexibilidade.

O professor, aqui, não é apenas quem conduz — é quem observa, provoca, acompanha.

E, em muitos momentos, também aprende junto.

O PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO

A família costuma ser o primeiro espaço onde sinais começam a aparecer.

Uma curiosidade fora do esperado. Um interesse muito específico. Um tipo de pergunta que surpreende.

Nem sempre esses sinais são compreendidos como indicativos de Altas Habilidades. Às vezes, são vistos como fase. Outras vezes, são supervalorizados.

Nesse equilíbrio delicado, o diálogo com a escola se torna fundamental.

Quando família e escola conseguem trocar informações, o olhar sobre a criança se amplia. O que aparece em um contexto pode ganhar outro significado quando visto a partir de diferentes experiências.

Essa parceria não se constrói de um dia para o outro. Ela exige confiança, escuta e abertura.

CORRESPONSABILIDADE EDUCATIVA

Falar em corresponsabilidade é reconhecer que ninguém dá conta sozinho. Nem a escola. Nem a família.

O desenvolvimento da criança acontece na articulação entre esses contextos — e, muitas vezes, também envolve outros profissionais.

Essa construção coletiva nem sempre é simples. Há divergências de expectativas, diferentes formas de entender o desenvolvimento, limites institucionais.

Ainda assim, quando há disposição para o diálogo, as possibilidades se ampliam.

E isso faz diferença no percurso da criança.

FORMAÇÃO DOCENTE E DESAFIOS INSTITUCIONAIS

Um ponto que atravessa todas essas discussões diz respeito à formação do professor.

Em muitos casos, o tema das Altas Habilidades aparece pouco — ou aparece de forma muito geral.

Na prática, isso significa que o professor precisa construir esse conhecimento ao longo da experiência.

E nem sempre há suporte para isso.

Turmas numerosas, rotina intensa, poucas oportunidades de formação continuada — tudo isso impacta o trabalho pedagógico.

Por isso, falar em inclusão também passa por discutir condições de trabalho.

Sem isso, qualquer proposta tende a ficar no plano da intenção.

ESPECIFICIDADES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DAS ALTAS HABILIDADES

Pensar as Altas Habilidades na Educação Infantil exige, antes de tudo, um certo deslocamento de olhar. Nessa etapa, o desenvolvimento não se orienta por resultados mensuráveis nem por conteúdos formais, mas pelas experiências que se constroem no cotidiano — no brincar, nas interações, nos pequenos achados do dia a dia.

É nesse movimento, por vezes mais discreto do que evidente, que traços de potencial começam a aparecer. Eles não se apresentam de forma direta; surgem nos detalhes: numa curiosidade que insiste, num interesse que se prolonga, numa forma própria de se envolver. E é justamente aí que a observação do professor deixa de ser apenas acompanhamento e passa a se tornar leitura sensível do processo.

Há também um aspecto importante que atravessa essa etapa: o desenvolvimento infantil não segue uma linha contínua. Ele avança, recua, se reorganiza. No caso das crianças com Altas Habilidades, essas variações podem se tornar ainda mais perceptíveis.

Em alguns momentos, aparece um envolvimento mais intenso com determinados temas; em outros, há um retorno a formas de brincar mais livres, mais abertas, mais próximas do que se espera da infância. Essas oscilações não indicam perda ou inconsistência, mas fazem parte do modo como a criança constrói seu percurso. Sustentar esse entendimento exige do educador certa disponibilidade para não fixar rótulos rapidamente, nem antecipar conclusões que ainda estão em elaboração.

Outro ponto que, no cotidiano, costuma gerar dúvidas — ou até interpretações apressadas — é o descompasso entre aspectos cognitivos e emocionais. Algumas crianças elaboram pensamentos complexos, fazem perguntas elaboradas, demonstram interesse por temas mais amplos, mas ainda estão construindo formas de lidar com frustrações, limites e relações com o outro.

Nem sempre essas dimensões caminham no mesmo ritmo. Quando esse desencaixe não é compreendido, certos comportamentos podem ser vistos como problema, quando, na verdade, expressam um processo em curso. Por isso, talvez o maior desafio — e, ao mesmo tempo, a maior potência — esteja em sustentar um olhar que não fragmenta, mas integra: que reconhece tanto aquilo que já se destaca quanto aquilo que ainda precisa de tempo para se constituir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, torna-se evidente que as Altas Habilidades, na Educação Infantil, ainda ocupam um lugar de pouca visibilidade. Não por ausência, mas por dificuldade de reconhecimento.

As crianças estão lá — curiosas, intensas, envolvidas —, mas nem sempre são nomeadas, nem sempre são compreendidas. Isso revela um desafio importante: alinhar o que a teoria já avançou com o que ainda precisa acontecer na prática.

Mais do que identificar, é necessário sustentar um trabalho que favoreça o desenvolvimento dessas potencialidades. E isso passa, inevitavelmente, pela formação do professor, pela reorganização das práticas e pela construção de parcerias mais consistentes com as famílias. Também implica mudar o foco. Em vez de procurar apenas dificuldades, olhar para possibilidades.

No fim das contas, talvez seja isso que mais importa: garantir que essas crianças não precisem diminuir o que são para caber na escola — mas que a escola se amplie o suficiente para acolhê-las por inteiro.

Vale considerar, ainda, que reconhecer crianças com Altas Habilidades não significa antecipar caminhos ou acelerar etapas do desenvolvimento, mas criar condições para que suas experiências façam sentido. Em muitos casos, o que essas crianças necessitam não é de mais conteúdo, mas de profundidade, de escuta e de possibilidades reais de investigação. Quando a escola consegue sustentar esse tipo de experiência, o aprender deixa de ser cumprimento de tarefas e passa a se constituir como processo vivo, significativo e envolvente.

Ao mesmo tempo, esse movimento convida a uma revisão mais ampla das práticas educativas. Pensar nas Altas Habilidades é, de certo modo, pensar na própria ideia de infância que se sustenta na escola. Uma infância que não é homogênea, previsível ou linear. Nesse cenário, a inclusão deixa de ser um discurso e passa a se materializar nas escolhas cotidianas: no que se propõe, no que se valoriza e, principalmente, no modo como cada criança é percebida. É nesse espaço — muitas vezes sutil, mas profundamente transformador — que a educação se torna, de fato, mais humana e mais coerente com aquilo que se propõe.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano. Características socioemocionais do superdotado: questões atuais. ***Psicologia em Estudo***, v. 12, n. 2, 2007.

ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano; FLEITH, Denise de Souza. ***Superdotados: determinantes, educação e ajustamento***. São Paulo: EPU, 1986.

GARDNER, Howard. ***Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas***. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

GARDNER, Howard. ***Inteligência: um conceito reformulado***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

RENZULLI, Joseph S. ***The schoolwide enrichment model: a how-to guide for educational excellence***. Mansfield Center: Routledge, 2014.

VIRGOLIM, Ângela Magda Rodrigues. ***Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais***. Brasília: MEC, 2007.